

## **Silêncio e Resistência: o Jornalismo Alternativo na Ditadura Militar Brasileira<sup>1</sup>**

Mariana Vicente ZILLI<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP

### **RESUMO**

A pesquisa procura entender o funcionamento do silêncio na relação com a palavra escrita, evidenciada pelo jornal alternativo *ChanaComChana*, lançado em 1981 pelo Movimento Lésbico-Feminista (MLF) no Brasil. O objetivo geral é analisar a censura como um fenômeno linguístico que produz efeitos, considerando sua materialidade histórica e discursiva, através da Análise de Discurso Materialista. A pesquisa contribui para compreender como o silenciamento influencia na perpetuação de estereótipos e na forma como os sujeitos diferentes são tratados na sociedade contemporânea, ressaltando a resistência desses sujeitos em encontrar outras formas de significação e de expressão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; Jornalismo alternativo; Análise de Discurso; Censura; Silêncio;

### **CORPO DO TEXTO**

Entre as décadas de 1970 e 1980, o Brasil passava por um período que ficou conhecido como abertura política, em decorrência ao enfraquecimento do Regime Militar instalado em 1964. Apesar do país ainda viver em um regime ditatorial, existia um contexto de menor repressão em relação aos anos de implantação do AI-5 (Ato Institucional nº 5), que impunha censuras em diversas publicações e buscava controlar a liberdade de expressão no país.

O trabalho aqui apresentado busca observar como se dá o funcionamento do silêncio na relação com a palavra escrita e com a imagem, materialidades que se destacam no jornal alternativo *ChanaComChana*, lançado em 1981, com o objetivo de divulgação dos encontros lésbico-feministas, distribuído esporadicamente e circulou até 1983, era editado e publicado pelo Movimento Lésbico-Feminista (MLF), o primeiro grupo homossexual politicamente organizado no Brasil.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho (Estudos em Comunicação e suas interdisciplinaridades), evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

<sup>2</sup> Mestranda em Divulgação Científica e Cultural na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e-mail: [m244270@dac.unicamp.br](mailto:m244270@dac.unicamp.br)

Procuro analisar a censura enquanto “fato” de linguagem que produz efeitos enquanto política pública de fala e silêncio” (Orlandi, 2007, p, 75). Além de considerarmos, a censura em sua materialidade linguística e histórica, ou seja, discursiva (*idem*, 2007).

O contexto e a expressão dos diversos grupos sociais, faz com que Habert (1996) considere a imprensa alternativa uma frente de resistência ao regime da época. Segundo o autor, tal imprensa era composta por veículos que promoviam o debate político, cultural e social, importantes para lutas sociais e para a divulgação de informações que os militares desejavam ocultar.

Podemos então assim dizer que o jornalismo alternativo é utilizado como frente de resistência ao Regime Militar, sendo uma fonte para resgatar a história da luta da comunidade LGBTQIA+ nos jornais homossexuais *Lampião da Esquina* (1978 - 1981) e *ChanaComChana* (1981 - 1983). Na época, estes e outros exemplares do jornalismo alternativo iam contra ao Decreto-Lei 1.077, de 26 de janeiro de 1970, que institucionalizava a censura prévia, ao estabelecer que não seriam toleradas publicações contrárias aos bons costumes. (Pilagallo, 2011, p. 178.)

Já, a imprensa gay ou imprensa homossexual, surgiu dentro da imprensa alternativa como um segmento. No início da década de 1960, quando a imprensa gay brasileira surgiu, os periódicos (jornais, revistas e boletins) eram feitos por homossexuais e para homossexuais. E, como aponta Flávia Péret (2011), em seu livro “Imprensa Gay no Brasil”, refletiam a ideologia sobre a homossexualidade de cada época e abordavam o tema, através de dois enfoques: satirizando figuras públicas ou divulgando fatos policiais envolvendo homossexuais e travestis.

Trata-se de uma imprensa que, mesmo diante de tantos problemas, se manteve insubordinada aos modos tradicionais de produção, veiculação e distribuição de informação, às ideias convencionais, às regras morais, aos poderes constituídos, ao mercado editorial e às pressões econômicas (Péret, 2011, p. 8).

Mas, foi a partir de 1970 que a imprensa alternativa passou a contar com uma intensa produção do jornalismo gay. “Mesmo sob forte controle da ditadura, alguns

jornais conseguiram criar pequenas ilhas de resistência - barricadas de tinta e papel - à censura” (Péret, 2011, p.34).

Orlandi (2007) nos mostra que o silêncio tem um aspecto cultural. Mas, para além disso, determinações políticas e histórias estão intrinsecamente inscritas à cultura nessa relação social com o silêncio. E em contrapartida ao silenciamento, a imprensa alternativa se tornou um espaço na mídia que deu voz a grupos minoritários, mesmo durante um período de repressão.

Em consequência da abertura política, foi lançado em abril de 1978 o primeiro jornal homossexual de alcance nacional, o *Lampião da Esquina*, que parou de circular em 1981 e teve um total de 37 números, além do zero de circulação restrita e outras três edições extras. Segundo o texto da edição pioneira, publicada em 1978, o periódico surgiu como um jornal alternativo que tinha o objetivo de mostrar à sociedade, e aos próprios homossexuais, uma desvinculação da tradicional imagem do gay como ser afeminado e que rejeitava sua própria sexualidade.

Inspirado no *Lampião da Esquina*, o periódico *ChanaComChana*, “tinha uma cara de fanzine, uma coisa anarquista, dentro da proposta punk da década de 80 e dentro da proposta do feminismo radical”. Para as autoras do livro “Da guerrilha à imprensa feminista”, Amelinha Teles e Rosalina Santa Cruz Leite,

[...] naquela mesma década de violenta repressão política e de grandes agitações sociais e (contra)culturais no Brasil, os anos setenta, as ativistas que ingressarem no feminismo também iniciavam a publicação de uma imprensa alternativa, democrática e popular. (Teles; Leite, p. 12, 2013)

O *ChanaComChana* era pautado sobre direitos sexuais, legislação, família, trabalho e o amparo para não “se enrustir”. Além de contar em sua linha editorial poesia, cultura e literatura, tornando-se assim uma referência entre as lésbicas e o público LGBTQIA+ da cidade de São Paulo. Podemos entender essas condições de produção e circunstância de enunciação como sendo a sua formulação.

Diante aos atos de censura, o apagamento - ou melhor -, o silenciamento do discurso e da existência LGBTQIA+ no Brasil torna-se uma ameaça cada vez mais frequente. Mesmo diante um contexto histórico social, como a Ditadura Militar, as minorias encontraram um meio de realizar o debate político, cultural e social - necessários

para as lutas sociais. Nesse contexto, o “modo de produção de linguagem posta em prática durante a ditadura militar no Brasil se caracteriza pela censura, pela interdição da palavra ao conjunto da sociedade brasileira” (Orlandi, 2007, p. 101).

Explicitar o funcionamento do silêncio neste objeto ainda que brevemente, nos faz questionar se tal movimento de apagamento, pelas palavras que não podem ser ditas em relação a outros corpos, não favorece o fortalecimento destes estereótipos, uma vez que outros sentidos não podem ser formulados para interferir na Memória Discursiva. Tal movimento produz efeitos importantes no que diz respeito à maneira como o sujeito diferente é ainda tratado em nossa conjuntura.

Os apagamentos permanecem, muito embora sejam apreendidos de formas diferentes. De qualquer maneira, os sujeitos em sua necessidade de dar sentido sempre encontram outras formas de se mostrar e resistir.

A resistência aqui é tida como uma “barricada”, uma resposta ao processo de silenciamento do sujeito, seus sentidos e das formações discursivas. Eni Orlandi em seu livro, “As formas do silêncio”, nos mostra que não se pode estar fora do sentido assim como não se pode estar fora da história.

Assim, gostaria de explicar nas palavras de Orlandi que

“a censura tal como a definimos é a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas, isto é, proíbem-se certos sentidos porque se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições. Se se considera que o dizível se define pelo conjunto de formações discursivas em suas relações, a censura intervém a cada vez que se impede o sujeito de circular em certas regiões determinadas pelas suas diferentes posições. Como a identidade é um movimento, afeta-se assim esse movimento. Desse modo, impede-se que o sujeito, na relação com o dizível, identifique-se com certas regiões do dizer pelas quais ele se representa como (socialmente) responsável, como autor. (Orlandi, 2007, p. 104)

E que o silêncio, independentemente de sua forma, atravessa as palavras por ser matéria significativa por excelência. O silêncio da censura nos mostra uma relação com o dizível, pois não se pode dizer o que foi proibido. Ou seja, como nos diz Orlandi: “não se

pode dizer o que se pode dizer”. Com isso, a censura não é um fato da constituição, mas de sua formulação. São sentidos historicamente dizíveis, mas proibidos.

Com essa ideia, gostaria de apresentar uma pequena análise de um exemplo de não-coincidência encontrado no editorial do periódico, *ChanaComChana*, publicado em janeiro de 1981. E, com o propósito de análise enunciativa deste objeto, irei trabalhar apenas com o primeiro parágrafo, transcrito abaixo:

CHANACOMCHANA foi um pulo no conformismo para a participação. Nosso jornal é nossa ponte. A palavra CHANA não pode ser sumariamente definida como “órgão sexual feminino”. É algo tão mais amplo, quanto os contrapontos de existir. Que a palavra CHANA soe para uns como “CHANCE”, para alguns como “CHANCA”) (pé grande - sapatão?), e para outros como “CHAMA”. O importante é isentar-se das conotações. (ChanaComChana, São Paulo, janeiro de 1981. Editoria)

Podemos observar enunciativamente a presença de marcas no discurso que Authier-Revuz (1998) chama de heterogeneidade mostrada, como: uso de aspas, parênteses, caixa alta e travessão; que, materializadas na escrita, produzem efeitos de sentido como o princípio da alteridade discursiva e, também, sinalizando a representação do discurso outro.

Além disso, compreendemos que o uso das aspas apresenta duas finalidades no olhar do sentido: a) qualidades ao discurso enunciado de pertencimento ao um outro, exterior ao discurso; b) comprometimentos do locutor ao que diz. Desse modo, a polifonia sustenta o dizer, mesmo que seja em momentos pontuais da enunciação, as vozes se entrecruzam estabelecendo relações de afirmação, negação e contradição da própria enunciação.

No trecho “*CHANCA*”) (*pé grande - sapatão?*), apesar de conter um erro de diagramação/digitação com o “)”, compreendemos que “(*pé grande - sapatão?*)” se refere à *chanca*, portanto, há uma modalização autonímica, pois o sentido aponta para a enunciação e para o algo exterior. Do mesmo modo que o trecho “*A palavra CHANA não pode ser sumariamente definida como “órgão sexual feminino”*”, apresenta também o mesmo processo. Desse modo, vemos uma modalização autonímica de não-coincidência interlocutiva entre as palavras e as coisas.

Ademais, podemos observar como nos mostra Jacqueline Authier-Revuz (1990) a conotação autonímica - uma forma da heterogeneidade mostrada, pela presença do fragmento como “outro” integra-se na cadeia discursiva, sem ruptura sintática, na materialidade das palavras “*chance*”, “*chana*” e “*chama*”.

Essa não-coincidência produz uma forma de rasura no sentido, podendo ser entendido como um “furo” em meio à censura. É nessa brecha em que os sentidos escapam e o sujeito interpreta e é interpretado historicamente pelos seus processos de constituição, funcionamento e circulação.

Para finalizar, gostaria de trazer o seguinte rascunho de pensamentos pensados, interpretados e digeridos: “o silêncio é algo que fica entre, ou seja, é o lugar da resistência, em que o sentido é possível”.

## REFERÊNCIAS

- Authier-Revuz, J. **Heterogeneidade Enunciativa**. Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. In: Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas: Editora da UNICAMP, n. 19, p. 25-42, jul. /dez. 1990
- Authier-Revuz, J. **Entre a Transparência e a Opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS. (2004)
- Authier-Revuz, J. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Campinas: Editora Unicamp, 1998. Disponível em:  
<<http://pt.slideshare.net/moniquecominlosina/157105752-authierrevuzpalavrasincertaspdf>>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- Kucinski, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.
- Orlandi, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª edição. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007
- Péret, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**. São Paulo. Publifolha, 2011.
- Pilagallo, Oscar. **História da imprensa paulista**: jornalismo e poder de D. Pedro a Dilma. Três Estrelas, 2011.
- Teles, Amelinha; Leite, Rosalina Santa Cruz. **Da guerrilha à imprensa feminista**: a construção do feminismo pós-luta armada no Brasil (1975-1980). 1ª edição - São Paulo: Intermeios, 2013.